

The falling man: terrorismo, comunicação e vertigem

Eduardo Yuji Yamamoto ¹

Resumo: Jean Baudrillard foi dos pensadores a realizar uma profunda reflexão sobre o 11 de setembro colocando no centro desse acontecimento os meios de comunicação. A partir de alguns de seus conceitos, busca-se analisar uma das fotografias mais emblemáticas do atentado, *The falling man*, de Richard Drew, considerada aqui uma imagem-evento, já que promove uma descontinuidade no mundo planejado da informação (êxtase da comunicação). Duas premissas embasam este texto: 1) a ideia maniqueísta de que o terrorismo e a globalização (sistema) avançam juntos, que uma é eventualmente o motor da outra – fato que se exprime na busca frenética de sentido à referida imagem, a fim de reparar um dano sistêmico; 2) a suspeita de que a explosão desse sistema pode vir da intensificação de seu limite, isto é, de um êxtase negativo.

Palavras-chave: *media*; biopolítica; imagem-evento; 11 de setembro.

The falling man: terrorism, communication and vertigo

Abstract: Jean Baudrillard was one of the thinkers to carry out a profound reflection on September 11th, placing the media at the center of this event. Based on some of its concepts, we seek to analyze one of the most emblematic photographs of the attack, *The Falling Man*, by Richard Drew, considered here as an event-image, as it promotes a discontinuity in the planned world of information (communication ecstasy). Two premises support this text: 1) the Manichean idea that terrorism and globalization (system) advance together, that one is eventually the engine of the other - a fact that is expressed in the frantic search for meaning to that image, in order to repair a systemic damage; 2) the suspicion that the explosion of this system may come from the intensification of its limit, that is, from a negative ecstasy.

Keywords: *media*; biopolitics; event-image; September 11th.

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

Introdução

Hoje, não há nada mais a fazer senão colocar o problema a partir do terrorismo. É o único contraponto – Jean Baudrillard

No ano em que a destruição das *Twin Towers* completa vinte anos, entramos no segundo ano de vigência do SARS-CoV-2.^{II} Muitos foram levados a acreditar que estamos em uma nova guerra mundial devido às acusações de países de um ataque biológico, às restrições para a circulação nos territórios e ao elevado número de mortes. A narrativa de uma contínua disputa pelo poder entre nações ou grupos traz tranquilidade para as complexas catástrofes que têm abalado o mundo nos últimos anos. Porque o intolerável é um mundo sem sentido, do acontecimento puro – o real –, que segue a sua própria marcha à revelia dos delírios jornalísticos e das teorias conspiratórias.

Vivemos hoje em uma guerra permanente, mas é preciso situar o âmbito desse conflito. Ela não se mostra na contabilidade macabra de mortos, nem na publicidade do arsenal bélico dos países ou na diplomacia e acordos de cooperação mundial que têm sido sempre utilizados como pretexto para evitá-la (ou prolongá-la, não importa). Todas elas são representações (não-acontecimentos) que direcionam a nossa atenção para o mundo da informação e nos fazem crer em um enredo simples, mas que até hoje tem funcionado bem: a luta entre dominantes e dominados, fortes e fracos, civilização e barbárie, ocidente e oriente etc. Mas a guerra em questão não se passa no mundo da informação. Para dizer mais explicitamente, é justamente contra esse mundo – ou, como prefere Jean Baudrillard,^{III} “sistema” – que se dá a “verdadeira guerra”.^{IV} Nela, somos todos dirigidos pelas representações e pelos *medias* que não são nossos aliados nessa luta, mas cúmplices na dominação.

Falamos de dois episódios com 20 anos de distância, mas poderíamos tomar como exemplo qualquer outro fato singular. No colapso das *Twin Towers* e na vigência do SARS-CoV-2, é oportuno perceber que, nesta guerra, o ataque é contra suas singularidades. A estratégia é reduzir suas potências imanentes, tornando-as semelhantes (blocos de informações), através da visibilidade de certos atributos já conhecidos ou já integrados pelo público (a morte, o arsenal tecnológico, a diplomacia etc.), os quais poderão, finalmente, fazer parte das muitas narrativas do sistema.

Para Baudrillard, as guerras ao longo do século XX serviram apenas para atingir a nossa última fronteira, a globalização. Se não é mais possível restituir a singularidade dos fatos, nem sair da globalização, o único conflito possível é contra esse sistema.^V

De fato, contra a globalização têm-se erguido muitos eventos. Um evento é uma ruptura em uma continuidade histórica ou sistêmica. Pode-se discutir se a sua causalidade é o efeito de uma determinação ou de condições dadas, mas não o seu caráter inusitado ou surpreendente. Quando Baudrillard fala do 11 de setembro como a mãe de todos os eventos – em relação à Guerra do Golfo em 2003 e, aqui, colocamos também a crise global do SARS-CoV-2 – é apenas para destacar a quebra em uma cadeia de previsibilidade, algo que se ausenta nas investidas bélicas norte-americanas ao Oriente Médio ou nas mutações virais.

Nesse contexto, segundo Baudrillard, o terrorismo constitui-se como contraponto da verdadeira guerra e revela uma face oculta da globalização. É preciso dizer, no entanto, que o terrorismo não é um evento, porque “[...] não inaugura, não inventa nada. Leva simplesmente as coisas que já existiam ao extremo, ao paroxismo. Exacerba um certo estado de coisas, uma certa lógica da violência da incerteza”.^{VI} Uma dessas faces reveladas pelo terrorismo é o vínculo da comunicação com o sistema global de gerenciamento, na medida em que busca,

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

com os *medias*, restituir o equilíbrio através da imputação de um sentido (qualquer) a eles. Equilíbrio estabelecido na polarização, cujo antagonista encontra-se nos lugares culturalmente mais distantes, em doutrinas, pessoas ou grupos que resistem ou foram regurgitados da globalização. Os atos, por sua vez, não possuem sentido algum, se incarnam e esgotam toda a sua força neles mesmos.

Enquanto cúmplices dessa guerra, os meios de comunicação possuem papel ambíguo. Às vezes, agem a serviço do sistema a fim de reiterar o seu sentido, mas, às vezes, também testemunham a experiência-limite desse sistema. No contexto da espetacularização mediática do 11 de setembro, destaco a fotografia de Richard Drew (*Associated Press*) intitulada “*The falling man*” como índice dessa experiência. Longe de se constituir como uma imagem do evento – típica do fotojornalismo, ou seja, rica em informações e detalhes sobre o ocorrido –, trata-se, na verdade, de uma imagem-evento, tanto porque cria em sua composição um campo de descontinuidade em relação ao fato (11 de setembro), quanto porque nos faz ver (e experimentar), de modo cru, o limite desse sistema no qual estamos todos encarcerados: a vertigem

“Terrorismo, como o vírus, está em todo lugar”^{VII}

Terrorismo é uma palavra que se popularizou no imaginário social americano, nas duas últimas décadas do século XX, como sinônimo de atentado suicida, morte de inocentes motivada por algum radical. A palavra também faz parte do repertório baudrillardiano, mas seu significado, obviamente, ultrapassa esse do senso comum e dos *medias*. Refere-se aos eventos que abalam a globalização, particularmente, um sistema totalitário de representação em cuja raiz se encontra um processo de equivalência dos objetos da realidade, a transmutação semiótica do valor de uso pelo valor de troca: “Terrorismo é o ato que restaura uma singularidade irreduzível para o seio de um sistema de troca generalizada”.^{VIII}

O terrorismo não é uma barreira que se encontra fora do processo globalizador. É parte constituinte dele. Pode-se, inclusive, compreendê-lo como motor desse processo uma vez que a sua aparição implica sempre uma resposta sistêmica que expande ainda mais os seus limites. Como descreveu Giorgio Agamben,^{IX} um ato terrorista legitima o uso arbitrário de uma reserva de violência por parte dos Estados nacionais, a fim de ampliar tanto internamente o seu poder, quanto fortalecer, externamente, as redes de cooperação e gerenciamento internacionais.

Para Baudrillard,^X alguns conflitos ao longo do século XX foram decisivos para o estabelecimento desse sistema, das alianças em prol da globalização. Vivemos hoje no que ele chamou de uma Quarta Guerra Mundial. Se a Primeira e a Segunda Guerra foram guerras clássicas (“classical image of war”) que encerraram, respectivamente, a supremacia da Europa colonialista e o nazismo; e a Terceira Guerra (ou Guerra Fria) acabou com o comunismo e possibilitou a globalização, “uma ordem mundial única”; a Quarta Guerra é uma guerra administrativa, no sentido de um total consentimento da gestão dessa ordem mundial. Isso significa que, após um processo de expansão do Capital pelo globo e destruição de entraves culturais (capazes de impedir ou dificultar a sua fluência) a única resistência agora, seu único inimigo, é aquele que mina este ordenamento: “É o que assombra toda ordem mundial, toda dominação hegemônica”.^{XI} Como não há mais um Outro ou um fora da globalização,^{XII} esse inimigo é sempre interno (um inimigo sistêmico), podendo ser o cidadão comum.

O terrorismo é a ameaça extrema dessa ordem, e se ele é identificado como o Islã é apenas porque este constitui a frente móvel ao longo da qual o antagonismo se cristalizou. Mas o antagonismo está em toda parte e em cada um de nós,^{XIII} pertence a este processo que é

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

irreversível e total: “[...] se o Islã dominasse o mundo, o terrorismo se levantaria contra o Islã, pois é o mundo, o próprio globo, que resiste à globalização”.^{XIV}

Nesse sistema, a atividade da comunicação vai muito além de seu aspecto contedístico, moralizante e ideológico. Ela não se restringe a meio de comunicação (*media*), mas diz respeito à relação de troca que funda esse sistema – como dissemos, baseado em um processo de destruição das singularidades das coisas (valor de uso) em vista a uma equivalência geral: a informação (mercadoria) –, e também à troca radical (*potlatch*), que pode levar esse sistema a seu colapso. A visão restrita de alguns teóricos que reduzem o fenômeno comunicacional ao universo mediático, às trocas informacionais que acontecem no interior do sistema, negligenciam aquelas que ocorrem externamente (a troca ambiente-sistema), as quais podem desencadear um processo de reversibilidade sistêmica, isto é, a sua dissolução. Se a globalização teme o terrorismo é porque, com ele, a reversibilidade do sistema se torna factível. O terrorismo, diz Baudrillard, “desafia o sistema com um dom ao qual ele não pode responder, exceto por sua própria morte e seu próprio colapso”.^{XV}

Isso não significa que o terrorismo possa criar algo transcendente ao sistema. O que se verifica, no entanto, é o aumento de sua entropia. No caso da destruição das *Twin Towers*, o entendimento de uma introjção ambiental como ruído explica, segundo Baudrillard, a “tática” empregada por seus agentes: “É tática do modelo do terrorismo provocar um excesso de realidade, e fazer com que o sistema desmorone sob o excesso de realidade”.^{XVI} A produção frenética de imagens, narrativas, teorias etc. é sintomática de uma reação a tal ruído, visando à restituição de seu equilíbrio sistêmico.

Comunicação e imagem-evento

Para muitos, a noção de uma sociedade ideal é aquela da máxima transparência. Nessa sociedade, pensamento e fala se articulariam perfeitamente, o discurso fluiria de modo cristalino e todos se entenderiam entre si; nela, não haveria dobras ou segredos a serem escondidos de seus cidadãos – seria, portanto, o fim da ideologia, da manipulação, da corrupção. De fato, desde o Iluminismo, a ideia da transparência total tem sido louvada e, mais do que isso, posta como pilar de seu projeto civilizatório. Foi assim que a ciência testemunhou, através do desenvolvimento tecnológico, a realização parcial desse sonho – da engenharia espacial à microscopia eletrônica –, e McLuhan pôde assistir extasiado ao preâmbulo de sua “aldeia global”.

Para Baudrillard, assistimos ao fim da ideologia, mas com ela foram-se também “todos os segredos, espaços e cenas abolidos em uma única dimensão da informação”.^{XVII} Com isso, entramos no que ele denominou de “êxtase da comunicação” ou obscenidade, a cena (psicanalítica) ou a imagem dando lugar à planificação simplificada. Afinal, não se obtém uma transparência total do mundo ou de um objeto sem abdicar de sua complexidade e singularidade, sua opacidade inerente. Conforme Baudrillard, tal mecanismo já estava virtualmente presente na ideia de mercadoria, sob a condição de sua livre circulação.

Marx expôs e denunciou a obscenidade da mercadoria, e essa obscenidade estava ligada à sua equivalência, ao abjeto princípio da livre circulação, para além de todo valor de uso do objeto. A obscenidade da mercadoria decorre do fato de ela ser abstrata, formal e leve em oposição ao peso, à opacidade e à substância do objeto. A mercadoria é legível: em oposição ao objeto, que nunca desiste completamente de seu segredo, a mercadoria sempre manifesta sua essência visível, que é seu preço. É o local formal de transcrição de todos os objetos possíveis; por meio dele, os objetos se comunicam. Consequentemente, a forma-mercadoria é o primeiro grande *medium* do mundo moderno. Mas a mensagem que os objetos transmitem através dele já está

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

extremamente simplificada, e é sempre a mesma: seu valor de troca. Portanto, no fundo, a mensagem já não existe; é o *medium* que se impõe em sua pura circulação. Isso é o que eu chamo (potencialmente) de êxtase.^{XVIII}

Em termos informacionais, a mercadoria é o objeto cuja informação sofreu uma codificação digital. Enquanto sua codificação analógica correspondia ao valor de uso desse objeto, preso a um contexto e, portanto, à sua singularidade local, é a sua transformação em valor de troca (digitalização) que irá garantir que as informações circulem livremente, ou seja, tornem-se apreensíveis socialmente. Mas há um efeito nesse procedimento que é a sua banalização informacional. Assim como a imagem digital dá ao espectador uma percepção nítida de um objeto projetado em uma tela de TV ou qualquer dispositivo eletrônico, ela destrói a si mesma em termos de valor, pela própria lógica circulatória do mercado – lógica essa da velocidade e da rápida obsolescência do consumo. A reflexão de Walter Benjamin sobre a perda da aura dos objetos artísticos tem aqui o mesmo princípio econômico^{XIX}.

Sobre esse mesmo procedimento, tratou, igualmente, Guy Debord para explicar a lógica da forma-mercadoria que domina a sociedade do espetáculo.^{XX} As imagens, tais quais as mercadorias, são produzidas pelos Homens e, portanto, estão repletas de relações sociais; mas hoje flutuam livremente, desprendidas de seu contexto de produção. Diante do público consumista, as imagens se equivalem, desfilam uma após a outra nesse sistema (forma-mercadoria) que ele chamou “espetáculo”.

Mas como sair desse sistema? “A realidade realmente supera a ficção?”. É possível restituir a singularidade dos objetos tornados informação? “Se parece que sim”, responde Baudrillard, “é porque a realidade absorveu a energia da ficção e se tornou ficção”.^{XXI}

Fatos como o 11 de setembro, devido à sua brutalidade intempestiva, levam o sistema a seu limite. Importante lembrar a perplexidade daqueles que testemunharam o atentado: aquilo realmente estava acontecendo? Na sociedade do espetáculo, as imagens transmitidas em tempo real pela TV pareciam ter saído de algum filme de Hollywood, como se a realidade estivesse sendo ali energizada pela ficção e aquelas imagens emanassem uma singularidade. Por um breve momento, o duplo fluxo de processamento da informação – um, internamente ao sistema, do mundo da informação; e outro, externamente, que traduz os objetos em ficção – foi interrompido por uma experiência-limite.

[...] pode-se dizer que os acontecimentos de Nova York também radicalizaram a relação da imagem com a realidade. Enquanto estávamos lidando com uma profusão ininterrupta de imagens banais e um fluxo contínuo de eventos falsos, o ato terrorista em Nova York ressuscitou imagens e eventos^{XXII}

Da profusão de imagens que estavam sendo produzidas pelos presentes, uma delas se destacou: a imagem-evento. Dela, devemos diferenciá-la das outras – as imagens do evento –, aquelas que trazem, segundo as boas práticas do jornalismo, uma síntese do fato, a exemplo daquela do segundo avião atingindo a outra torre enquanto a primeira ardia em chamas. A imagem-evento não é uma representação visual do evento, mas possui tal qualificativo porque, diferentemente das outras imagens, traz algo de anômalo, de atordoante, que a põe em completa dissonância com elas.

A imagem-evento é possível devido ao próprio contexto em que emerge, quando o sistema sofre um golpe de tal magnitude que arrefece o controle sobre a ambiguidade constituinte da imagem. Contribui para a sua aparição o imperativo da imediaticidade, o regime de circulação rápida e consumo instantâneo de informações frente os quais o sistema as deixa passar. As operações deste sistema, como veremos a seguir, tentam apagar essa

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

ambiguidade da imagem-evento, transformá-la em informação. Somente assim, ela poderá ser exibida e desfilar ao olhar do público, junto a outras imagens do evento.

O papel das imagens é ambíguo. Pois, ao mesmo tempo que exaltam os acontecimentos, também o tomam como refém. Eles servem para multiplicá-lo ao infinito e, ao mesmo tempo, são um desvio e uma neutralização (já era o caso com os acontecimentos de 1968). A imagem consome o acontecimento, na medida em que o absorve e o oferece para consumo. É certo que confere um impacto sem precedentes, mas a imagem-evento.^{XXIII}

Para os que buscam explorar o limite desse sistema – já que a saída dele é improvável – resta o que Baudrillard chamou de “êxtase negativo”, a vertigem, o mergulho no puro fascínio do delírio obscuro da comunicação.^{XXIV} A fotografia *The falling man* atualiza essa vertigem como última experiência do ser humano, uma queda acelerada no infinito de sua própria simulação. A mistura de repulsa e fascínio que essa imagem provocou logo após os atentados só pode ser compreendida se levarmos em conta a ambiguidade que ela emana.

The falling man: fascínio e vertigem

Um homem de ponta cabeça está solto no ar, ele desce em um eixo perfeitamente vertical. Um de seus joelhos está levemente flexionado. Seus braços, alinhados ao tronco, fazem com que o corpo se assemelhe a um míssil disparado. Ao fundo, linhas verticais, simetricamente dispostas, dividem ao meio a composição em duas tonalidades (escuro e claro) bem delimitadas. A relação figura e fundo cria uma dinâmica ambivalente ao conjunto: o corpo está parado; porém, devido ao fato de estar paralelo às linhas (do fundo), a impressão é que ele segue acelerado em uma trajetória rigorosamente retilínea. A composição está bem enquadrada, deixando o tema principal ao centro, enquanto acima e abaixo há cortes secos que tiram a referência espacial, ou seja, excluem do conjunto signos de imediato reconhecimento como o céu ou o chão, restando apenas as linhas verticais. A sensação que se tem, em um primeiro momento, é que aquilo não é real. Os signos, meticulosamente ali organizados, dão a impressão que tudo foi simulado, é artificial, o homem parece estar em um simulador de voo.

A tragédia, todavia, é que essa descrição, que poderia muito bem ser confundida com a exegese de alguma obra abstrata, é o registro fotográfico de uma catástrofe real. Dado o fato de ser uma fotografia (e não uma colagem ou uma pintura), portanto, já implícito na mensagem que se trata de um fragmento do real, provoca o estranho sentimento de um intercâmbio entre realidade e ficção: é perfeita demais para ser real, mas é demasiadamente forte para uma ficção.

The falling man, como ficou conhecido o título desta composição, tornou-se rapidamente o índice do deslocamento do limite normalizado da ficção. São efeitos desse choque extemporâneo no sistema tanto o ceticismo daqueles que não acreditaram que as mortes eram verdadeiras, quanto a angústia das famílias que esperavam o retorno de seus entes queridos, acreditando se tratar de uma peça publicitária de muito mau gosto. Se a ficção precisava de um pouco de realidade para sustentar o sistema, a realidade agora se fazia tão real que parecia ficção.

Os noticiários televisivos, assim como as comunicações oficiais do governo norte-americano, correram para reparar o dano. No entanto, na sociedade do espetáculo, do consumo voraz de imagens e informação em tempo real, assistiu-se ao seu contrário: as imagens da catástrofe, tais como as mercadorias, desfilarão diante do telespectador, uma

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

após outra, umas mais impactantes, outras mais informativas, mas todas destituídas de um sentido capaz de atravessá-las, de enfraquecer a imagem forte, de ordená-la. A política, como observou Baudrillard, enquanto gestão sistêmica, estava completamente perdida. Restava apenas aos cidadãos a passividade do espectador, a experiência da aleatoriedade e do puro fascínio.

Tentamos retrospectivamente impor algum tipo de interpretação. Mas não há nenhum. E é a radicalidade do espetáculo, a brutalidade do espetáculo, a única que é original e irreduzível. O espetáculo do terrorismo empurra o terrorismo do espetáculo sobre nós. E, contra esse fascínio imoral (mesmo que desencadeie uma reação moral universal), a ordem política nada pode fazer^{XXV}

The falling man é uma imagem forte do 11 de setembro, uma imagem-evento. Ela traz muitas ambiguidades. Para se ter uma ideia de seu valor, basta imaginar que um jornal (*Toronto Globe and Mail*) deslocou um repórter (Peter Cheney) apenas para descobrir a identidade do homem fotografado; e tempos depois, uma prestigiada revista norte-americana, *Esquire*, dedicou uma grande reportagem a ela (à imagem, não ao homem fotografado), com detalhes sobre o autor, as circunstâncias em que foi capturada, o impacto na recepção etc. – uma verdadeira biografia da imagem. Se não bastasse isso, essa reportagem acabou virando um documentário – “9/11: The Falling Man”, de Henry Singer –, com depoimentos de testemunhas (que estavam nas *Twin Towers*), de especialistas em artes para analisarem seus atributos estéticos e, obviamente, de supostos parentes e amigos daquele anônimo *jumper*.^{XXVI}

O agenciamento de muitos profissionais para investigar essa imagem-evento é o exemplo de como funciona o sistema a fim de restituir a sua ordem. O trabalho a ser empreendido aqui é de transformar uma imagem-evento em imagem do evento, ou seja, diminuir a sua potência antissistêmica para poder ser integrada e vista novamente, agora como objeto de consumo. É como se certas imagens tivessem de passar por uma antessala de desinfecção, onde são aplicados imunizantes que inibem a sua capacidade de contaminação, de “comunicação”^{XXVII}, para, enfim, poderem circular livremente ao público. Um desses imunizantes é a individuação,^{XXVIII} ou seja, a imputação de um rosto ou uma identidade para aquele corpo. Pois o anonimato é inadmissível no sistema, gerando uma confusão entre o eu e o Outro, uma espécie de vórtice que atrai o espectador: sou eu ou o Outro naquela imagem? Somos todos nós ali? A identificação do corpo, portanto, traz alívio não apenas à família, mas a todo o sistema que vê cessar uma possível deriva da subjetivação coletiva.

A legitimidade social de profissões como o jornalismo pode ser compreendida em função da estabilidade que seu trabalho traz. Por exemplo, a investigação da identidade do *jumper* é, em si, uma mensagem ao público de que as coisas têm algum sentido, que o sistema está trabalhando para retomar a sua normalidade. Seguindo por linhas-guias como: ele tinha uma família, estava ali trabalhando..., o jornalismo consegue reinvestir a ordem e afastar o terror instalado – do ponto de vista desse sistema, terrorista é quem não tem família (não participa da instância de reprodução da mão de obra) e nem trabalha (a instância de reprodução material da sociedade).

Em sinergia com o jornalismo, o aparato mediático oferece pequenas narrativas as quais estamos já muito familiarizados, buscando um sentido geral ao atentado. Assim, as histórias dos personagens, das vítimas da catástrofe, são restituídas como se todos eles fizessem parte de um grande enredo, como nos filmes, novelas e séries televisivas, em que o universo representado é quase uma síntese de pequenos dramas domésticos.

Mas são inúteis tais estratégias que, em sua totalidade, visam apagar a força instituinte da imagem-evento. Falamos do sistema que, através de um regime de rápida circulação e obsolescência das imagens, permite aparecer esse tipo de imagem. Mas é preciso falar

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

também do trabalho ambivalente dos funcionários^{XXIX} desse sistema (que nesse caso recai, acidentalmente, sobre Richard Drew) e do desejo igualmente ambíguo do público pela catástrofe. A imagem-evento está no centro de um acontecimento que liga outros acontecimentos. Se ela provoca uma fratura no sistema, ela o faz de modo a produzir, verticalmente, uma conexão entre séries distintas, que liga, no outro lado do sistema (em sua dimensão virtual), uma série de outros acontecimentos: a vontade de registro de seu colapso, a seleção da melhor estratégia para realizá-lo (o melhor registro), a atração do público pela catástrofe, entre outros.

Como descreveu o jornalista Tom Junod, da *Esquire*, *The falling man* revela essa ambiguidade constitutiva da imagem-evento que vê refletir-se em todo o sistema mediático. Pois, ao mesmo tempo que busca aplacar no público um fato estarrecedor, esse mesmo público é movido por algo que, nessa imagem, o fascina:

Algumas pessoas que olham para a foto veem estoicismo, força de vontade, um retrato de resignação; outros veem outra coisa – algo discordante e, portanto, terrível: liberdade. Há algo quase rebelde na postura do homem, como se uma vez confrontado com a inevitabilidade da morte, ele decidiu seguir em frente; como se ele fosse um míssil, uma lança, empenhada em atingir seu próprio fim.^{XXX}

Por que a liberdade desse homem soa assim tão terrível nessa imagem? Para responder a essa pergunta, é preciso desviarmo-nos das armadilhas que tentam nos seduzir para o moralismo. Nessa imagem, a liberdade – o sonho americano – realiza-se em sua plenitude. A mesma liberdade – que está na base dos negócios americanos (*business*) e na justificativa de suas invasões ao Oriente Médio – está ali, também, naquele homem, que se faz sujeito de sua própria morte.

É como se o impacto provocado pelos aviões fizesse desabar não só os edifícios, mas desnudasse também o nosso (e ainda vigente) modelo civilizatório, a própria simulação americana, restando ali apenas um americano (eu, você, qualquer um) que acelera cada vez mais rápido em um espaço liso, sem resistência, sem objetivo algum. Baudrillard já havia nos lembrado de dois elementos que, a cada dia, revelam a essência do espírito americano: o *jogging* e a aversão à concorrência.

Correr, gastar energia, extenuar os músculos sob o pretexto de se parecer esteticamente agradável ou saudável e sempre disposto ao sistema retrata o que tem sido a atividade humana na economia atual. Corre-se porque se deve correr. E cada vez mais, com melhor performance e desempenho.

Pode-se parar um cavalo em fuga, não um *jogger* em ação. Eis que ele com espuma na boca, espasmodicamente voltado à sua contagem regressiva interior, no instante em que entra em estado de transe... Cuidado, sobretudo para não pará-lo para perguntar as horas, ele seria capaz das piores reações.^{XXXI}

Perdemos a fórmula de como parar, diz Baudrillard. E isso talvez explique por que, em um determinado momento, a arquitetura de Nova York pariu duas torres gêmeas, duas construções iguais a si, que reflete uma na outra. A corrida para lugar nenhum é sintomático de uma civilização no limiar do fim da concorrência, a versão econômica da alteridade. Quando ela desaparece, corre-se simplesmente, mas não há mais desenvolvimento ou superação. É o fim da história, da representação ou, como ele se refere à paisagem urbana do coração financeiro do mundo, a “paralisia da verticalidade”.

As duas torres do WTC são o sinal visível do encerramento de um sistema na vertigem da duplicação, enquanto os outros arranha-céus são cada um o momento

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

original de um sistema que se supera continuamente na crise e no desafio. Há um charme particular nessa reduplicação. Por mais altas que sejam, e mais altas do que todas as outras, as duas torres significam, no entanto, uma paralisação da verticalidade. Ignoram os outros edifícios, não são da mesma raça, já não os desafiam e já não os confrontam, espelham-se e culminam neste prestígio da semelhança.^{XXXII}

Correr para lugar nenhum, cada vez mais rápido, porque não há mais nada a superar, apenas a própria performance anterior. Esse mantra salta aos olhos em *The falling man*. A questão não é ocidente contra oriente, nem cristianismo versus Islã, mas, se é possível, algum dia, parar ou encontrar uma alteridade real – *Outrem*.^{XXXIII} *The falling man* é a vertigem que nos resta, a experiência de um mergulho no vazio, o fascínio no interior de um capitalismo sem concorrência, a aceleração ao infinito, “extático, solitário e narcisista”.^{XXXIV}

Considerações finais

O homem da imagem continua a cair. Nós o observamos com um profundo mal-estar. De fato, a ausência de um rosto, de uma identidade, nos envolve em uma projeção que é de difícil escapatória.

Para evitar que a imagem continue a nos dilacerar, nos apegamos ao fio da indignação e da fúria que os *medias* jogam para nós: havia pessoas inocentes nos últimos andares que, impossibilitadas de saírem do prédio devido ao fato de os andares intermediários estarem bloqueados pelas chamas, saltaram pelas janelas. Uma coisa é o fato que, em si, não possui algum sentido; outra coisa bem diversa são esses fios que articulam esses fatos e constroem ficções (ocidente versus oriente, cristianismo contra o Islã) galvanizando o estupor em revolta e vingança.

Quando as duas torres vieram abaixo, por um breve momento, romperam-se os fios que prendiam e sustentavam a estrutura semiótica da globalização: prédios, contratos, dinheiro, ostentação, consumo etc., revelando, então, o intolerável: uma vida sem sentido, não obstante, acelerada. Os *media* nos salvam de uma espiral do desespero. Mas quem nos salvará dos *medias*?

Notas

^I Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/URFJ). Docente e pesquisador da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) e do PPGCom da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Coordenador do Laboratório de Estudos em Comunicação e Biopolítica (LaBBio/CNPq). E-mail: yujieduardo@gmail.com

^{II} Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2.

^{III} BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b.

^{IV} Utilizamos aqui a expressão “verdadeira guerra” enquanto conflito entre “sistema” e “singularidade” (que o primeiro busca neutralizar). Foi uma opção nossa a fim de evidenciar uma problemática importante que se quer destacar. Em Baudrillard, este conflito (a “verdadeira guerra”) comparece no que ele chama de uma “Quarta Guerra Mundial” diferenciando-se, por exemplo, da Guerra do Golfo que, segundo ele, constitui um “não-acontecimento”, dada a sua previsibilidade em relação ao acontecimento que a institui: “O único e verdadeiro acontecimento foi o 11 de setembro, e a guerra é o não-acontecimento, algo que foi feito para eliminar o primeiro. A relação entre os dois não é lógica, mas é uma contratransferência. A guerra é uma reação, um meio de vencer um desafio” BAUDRILLARD, Jean. Pensador diz que guerra é um “não-acontecimento”. Entrevista a

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

Fernando Eichenberg, **Folha de S. Paulo**, Brasil, São Paulo, 28 abr. 2003a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2804200318.htm>. Acesso em 25 mai. 2021.

^V Vão neste mesmo sentido as atuais teses sobre a biopolítica.

^{VI} BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 31.

^{VII} “Terrorism, like viroses, is everywhere”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 10.

^{VIII} “Terrorism is the act that restores an irreducible singularity to the heart of a system generalized exchange”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 9.

^{IX} AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

^X BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 11-12.

^{XI} “But Fourth World War is elsewhere. It is what haunts every world order, all hegemonic domination”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 12.

^{XII} Os movimentos antiglobalismo, em geral, são erroneamente postos como estando fora da globalização. Na verdade, fazem parte dela, pois se sustentam, na maioria das vezes, a partir da afirmação identitária, um exercício de gestão de si. A globalização só consegue estabelecer-se como sistema gerencial e estável porque existe estes identitarismos que funcionam como crivos que dão dinâmica e estabilidade sistêmica.

^{XIII} “[...] Islam was merely the moving front along which the antagonism crystallized. The antagonism is everywhere, and in every one of us. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 15.

^{XIV} “[...] if Islam dominated the world, terrorism would rise against Islam, for it is the world, the globe itself, which resists globalization”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 12.

^{XV} “[Terrorism] Defy the system by a gift to which it cannot respond except by its own death and its own collapse”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 17.

^{XVI} “It is the tactic of the terrorism model to bring about an excess of reality, and have the system collapse beneath the excess of reality”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 18.

^{XVII} “That's the ecstasy of communication. All secrets, spaces and scenes abolished in a single dimension of information. That's obscenity”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 151.

^{XVIII} “Marx set forth and denounced the obscenity of the commodity, and this obscenity was linked to its equivalence, to the abject principle of free circulation, beyond all use value of the object. The obscenity of the commodity stems from the fact that it is abstract, formal and light in opposition to the weight, opacity and substance of the object. The commodity is readable: in opposition to the object, which never completely gives up its secret, the commodity always manifests its visible essence, which is its price. It is the formal place of transcription of all possible objects; through it, objects communicate. Hence, the commodity form is the first great medium of the modern world. But the message that the objects deliver through it is already extremely simplified, and it is always the same: their exchange value. Thus at bottom the message already no longer exists; it is the medium that imposes itself in its pure circulation. This is what I call (potentially) ecstasy.” BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 151.

^{XIX} BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reproduzibilidade técnica. In LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 207-240.

^{XX} DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

^{XXI} But does reality actually outstrip fiction? If it seems to do so, this is because it has absorbed fiction's energy, and has itself become fiction.” BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 28.

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

^{XXII} “[...] the events in New York can also be said to have radicalized the relation of the image to reality. Whereas we were dealing before an uninterrupted profusion of banal images and a seamless flow of sham events, the terrorist act in New York has resuscitated both images and events”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 26-27.

^{XXIII} “The role of images is ambiguous. For, at the same time as they exalt the events, they also take it hostage. They serve to multiply it to infinity and, at the same time, they are a diversion and a neutralization (this was already the case with the events of 1968). The image consumes the event, in the sense that it absorbs it and offers it for consumption. Admittedly, it gives it unprecedented impact, but impact image-event”. BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 27.

^{XXIV} BAUDRILLARD, Jean. The ecstasy of communication. In **The anti-aesthetic: Essays on Postmodern Culture**, edited by Hal Foster. New York: New Press, 1998, p. 152.

^{XXV} We try retrospectively to impose some kind of interpretation. But there is none. And it is radicality of the spectacle, the brutality of spectacle, which alone is original and irreducible. The spectacle of terrorism forces the terrorism of spectacle upon us. And, against this immoral fascination (even if it unleashes a universal moral reaction) the political order can do nothing.” BAUDRILLARD, Jean. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b, p. 30.

^{XXVI} *Jumpers* é como ficou conhecido aqueles que saltaram das torres, dada a impossibilidade de escapar das chamas. Não são suicidas, pois seus atos não buscavam eliminar suas próprias vidas.

^{XXVII} O conceito refere-se à capacidade dos sistemas de se abrirem às trocas ambientais, isto é, ao comum. O oposto da comunização (*com-munus*) é a imunização (*in-munus*). YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **Comunicação e Comunidade II – ensaio sobre o ser-com**. Curitiba: Appris, 2020.

^{XXVIII} Michel Foucault chama esse dispositivo de “anátomo-política”. É o exercício do poder disciplinar que o indivíduo aplica a si mesmo através, por exemplo, da confissão, mas também da assunção de uma identidade. Ao lado da biopolítica (aplicado às populações), eles formam o chamado biopoder. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 2010, p. 151.

^{XXIX} Cf. FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

^{XXX} “Some people who look at the picture see stoicism, willpower, a portrait of resignation; others see something else—something discordant and therefore terrible: freedom. There is something almost rebellious in the man's posture, as though once faced with the inevitability of death, he decided to get on with it; as though he were a missile, a spear, bent on attaining his own end”. JUNOD, Tom *The Falling Man*. An unforgettable story. **Esquire**, 9 set. 2016. Disponível em: <https://www.esquire.com/news-politics/a48031/the-falling-man-tom-junod/>. Acesso em 27 mai 2021.

^{XXXI} “Si può fermare un cavallo imbizzarrito, non si ferma un jogger in azione. Eccolo con la schiuma alla bocca, spasmodicamente intento al suo interiore conto alla rovescia, all'istante in cui passa allo stato di trance... Guardatevi soprattutto dal fermarlo per chiedergli l'ora, sarebbe capace delle peggiori reazioni”. BAUDRILLARD, Jean. **I miti fatali**. Milano: Franco Angeli s.r.l., 2014, p. 51-52.

^{XXXII} “Le due torri del WTC sono il segno visibile della chiusura d'un sistema nella vertigine del raddoppiamento, mentre gli altri grattacieli sono ciascuno il momento originale d'un sistema che si supera continuamente nella crisi e la sfida. C'è un fascino particolare in questa riduplicazione. Per alte che siano, e più alte di tutte le altre, le due torri significano tuttavia un arresto della verticalità. Esse ignorano gli altri *buildings*, non sono della stessa razza, non li sfidano più e non vi si confrontano più, esse si specchiano l'una nell'altra e culminano in questo prestigio della similitudine”. BAUDRILLARD, Jean. **I miti fatali**. Milano: Franco Angeli s.r.l., 2014, p. 21.

^{XXXIII} Nos parece aqui muito pertinente este conceito de Emmanuel Lèvinas, que se refere a uma espécie de “terceira pessoa” sempre presente em toda relação Eu-Tu, alteridade absoluta que impede qualquer estabilidade de um sistema dialógico. LÈVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

^{XXXIV} BAUDRILLARD, Jean. The ecstasy of communication. In **The anti-aesthetic: Essays on Postmodern Culture**, edited by Hal Foster. New York: New Press, 1998, p. 152.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

THE FALLING MAN: TERRORISMO, COMUNICAÇÃO E VERTIGEM

EDUARDO YUJI YAMAMOTO

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 207-240.

BAUDRILLARD, Jean. Pensador diz que guerra é um “não-acontecimento”. Entrevista a Fernando Eichenberg, **Folha de S. Paulo**, Brasil, São Paulo, 28 abr. 2003a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2804200318.htm>. Acesso em 25 mai. 2021.

_____. **The spirit of terrorism**. Trad. Chris Turner. London/New York: Verso/New Left Books, 2003b.

_____. The ecstasy of communication. In **The anti-aesthetic**: Essays on Postmodern Culture, edited by Hal Foster. New York: New Press, 1998, p. 145-154.

_____. **I miti fatali**. Milano: Franco Angeli s.r.l., 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. São Paulo: Edições Graal, 2010.

JUNOD, Tom The Falling Man. An unforgettable story. **Esquire**, 9 set. 2016. Disponível em: <https://www.esquire.com/news-politics/a48031/the-falling-man-tom-junod/>. Acesso em 27 mai 2021.

LÈVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **Comunicação e Comunidade II – ensaio sobre o ser-com**. Curitiba: Appris, 2020.